

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO - UFRPE

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DO CONSUMO

MEMORIAL DESCRITIVO

LAURA SUSANA DUQUE ARRAZOLA

MEMORIAL DA TRAJETÓRIA ACADÊMICA

Memorial apresentado à Universidade Federal Rural de Pernambuco, como parte dos requisitos da promoção para a Classe E, com denominação de Professora Titular da Carreira do Magistério Superior do Departamento de Ciências do Consumo, de acordo com a Resolução nº 065/2020 do Conselho Universitário da UFRPE.

RECIFE
2023

APRESENTAÇÃO

Este memorial descreve minha trajetória acadêmica e apresenta minhas atividades de ensino, pesquisa, extensão e administração universitária, que foram desenvolvidas na Universidade Federal Rural de Pernambuco durante os anos de 1993 a 2017.

Esse documento foi elaborado com o objetivo de promover a progressão funcional da classe de Professora de Associado IV para Professora Classe E, com denominação de Professora Titular da Carreira do Magistério Superior, atendendo a Resolução nº86/2014 do Conselho Universitário da UFRPE, e à INSTRUÇÃO NORMATIVA nº001/2014-GR de 09 de julho de 2014.

No desenvolvimento deste Memorial me empenhei em descrever da melhor maneira possível e em ordem cronológica os principais acontecimentos que ocorreram durante minha carreira de docente na Universidade Federal Rural de Pernambuco e dei destaque aos eventos que julguei mais importantes nessa trajetória.

DADOS PESSOAIS

Nome completo: Laura Susana Duque Arrazola

Filiação: _____ e

Data de nascimento: 30/05/1948

Naturalidade: Sincelejo Sucre Colômbia

Nacionalidade: Brasileira naturalizada

RG:

CPF: :

E-mail:

Profissão: Professora de Nível de Superior

SIAPE:

Cargo atual na carreira universitária: Professor Associado IV

Regime de trabalho: Dedicção Exclusiva

Instituição: UFRPE, Departamento de Ciências do Consumo.

Endereço residencial:

Endereço profissional: Departamento de Ciências do Consumo, UFRPE.

CEP: 52171-900. Recife – PE. Fone: :

Data de ingresso na UFRPE: 26/10/1992

Endereço de acesso do Currículo LATTES: <http://lattes.cnpq.br/4317982181688343>

Nome em citações bibliográficas: DUQUE ARRAZOLA, Laura Susana; SUSANA DUQUE-ARRAZOLA, Laura; ARRAZOLA, Laura Susana Duque

DEDICATÓRIA

A meu pai Carlos Alberto Duque Londoño e minha mãe, Dora Susana Arrazola de Duque

In memoriam.

A João Bosco Guedes Pinto, esposo, companheiro, in memoriam.

À minhas irmãs: Dora Isabel, Pureza e Ofélia e meus irmãos Carlos Alberto, Ramón y Rómulo
(In memoriam)

AGRADECIMENTOS

A minhas colegas professoras/or do Departamento de Ciências Domésticas (DCD) e Ciências do Consumo (DCC) e da pós-graduação em Consumo Cotidiano e Desenvolvimento Social (PGCDS). Às Secretárias e técnicas de ambos departamentos e seus cursos: Economia Doméstica, Ciências do Consumo PGCDS e pós-graduação em Ciência e Tecnologia dos alimentos PGCTA e às/os estudantes de ambas pós-graduações.

Às /os discentes da graduação e pós-graduação meus agradecimentos especiais a quem me escolheram como orientadora das monografias, TCC, dissertações e iniciação científica (/PIBIC/PIC e participaram comigo na docência como monitoras. E a quem se vincularam ao Núcleo de Estudos e pesquisas sobre a Mulher -NUPEM.

Agradecimentos também a os/as colegas da UFRPE e UFPE do Projeto LUMIAR junto as famílias agricultoras familiares e trabalhadores sem terra.

Agradecimentos também ao Centro Josué de Castro (CJC), SOS-Corpo, Casa da Mulher do Nordeste (CMN) Centro das Mulheres do Cabo (CMC), à Rede Regional Norte- Nordeste de Estudos e pesquisas sobre a Mulher e Relações de Gênero (REDOR).

Um agradecimento pelo convívio com as queridas colegas Maria de Fátima Paz Alves, Maria de Fátima Massena de Melo e Maria de Fátima Santiago, sendo esta última minha orientanda no PGCDS, todas in memoriam.

A todas as minhas monitoras, e especialmente às monitoras Kethley e Girlene que contribuíram com seu apoio nas aulas remotas durante a pandemia;

À Comissão de Avaliação e demais presentes;

Ao meu orientador e às minhas orientadoras acadêmicas;

Às Professoras do DCC/UFRPE, por esses anos de bom convívio;

A todos/as que estiveram presentes na minha vida, contribuindo na construção da pessoa que sou hoje e que, de alguma forma, fizeram parte dessa Trajetória Acadêmica.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO - UFRPE

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DO CONSUMO



MEMORIAL

UMA BREVE AUTOBIOGRAFIA

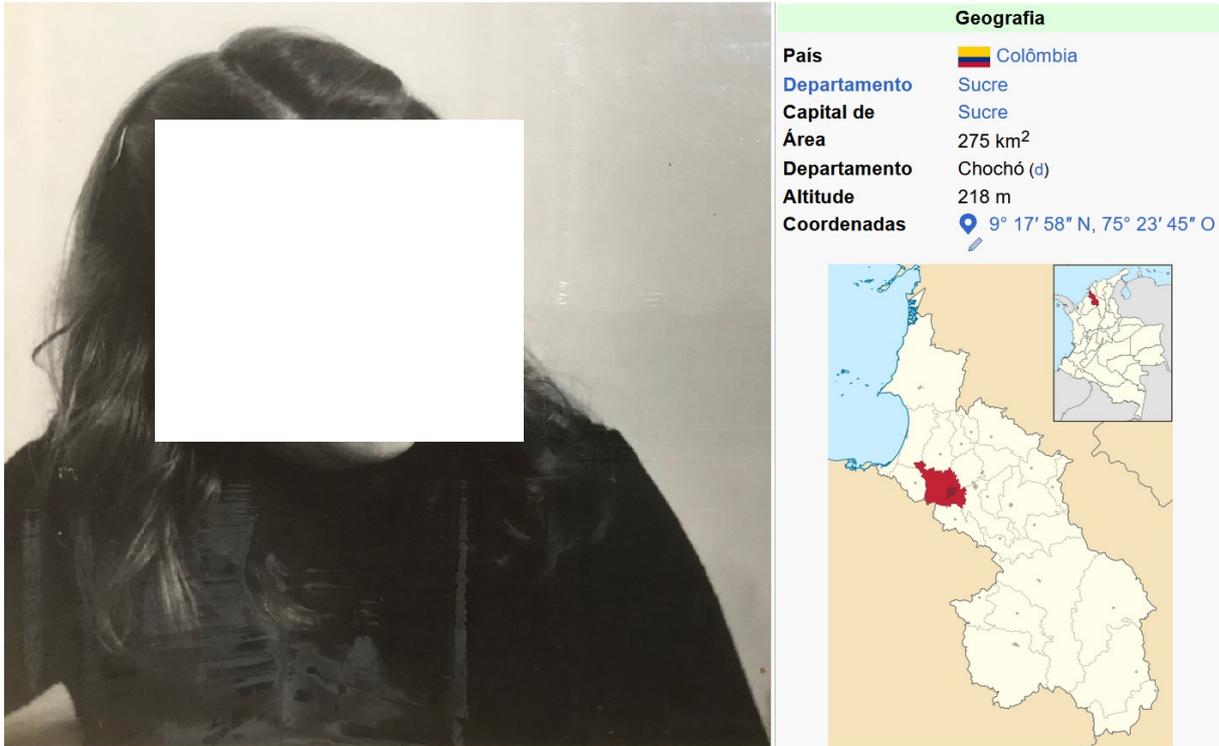


TRAJETÓRIA PESSOAL E PROFISSIONAL

LAURA SUSANA DUQUE ARRAZOLA

RECIFE, 2023

A TRAJETÓRIA DE VIDA, CULTURAL E INTELLECTUAL (DESDE A COLÔMBIA)



Eu nasci em Sincelejo, atualmente capital do Departamento de Sucre na Costa Atlântica ou o Caribe Colombiano, na região das savanas de Bolívar e Sucre, uma região fundamentalmente pecuarista (ganadera) onde a produção se concentra nas grandes e médias fazendas e onde algumas famílias de pequenos produtores rurais e camponeses também podem ter umas poucas “cabeças de gado”. Para estas famílias o gado representa o capital, poupança e uma alternativa na venda e usufruto de produtos derivados do leite. Mas, a cultura do gado não se reduz a isso. Além de atividade econômica, impacta a cultura, a idiossincrasia dos/das costenhos/as ou savaneros/as, pois ela influencia na sexualidade e masculinidade dos jovens e adolescentes, sendo isto muito marcante na diferenciação dos homens e das mulheres. Esta visão do homem-masculino-macho pela sua coragem é decorrente da lida e domínio do trato com o gado. Masculinidade demarcada pela força e coragem de enfrentar o touro nas festas de “corralejas” (similar à tourada espanhola) sem usar armas como faziam nas corridas espanholas (espada). Assim, há uma enorme diferença das mulheres colocadas neste universo, em perspectivas opostas, marcadas pela fragilidade e proteção, sendo essencialmente criadas para guardar-se no domínio dos espaços

domésticos e preparadas para o casamento cuidando do marido e da criação dos filhos/as. Embora esta região mantenha-se nesta cultura do gado, algumas mudanças tem se dado a respeito com a inserção das mulheres nas escolas, no mundo do trabalho e nas universidades.



O fato do meu pai ter vindo de outra região, a região Andina do café, com uma cultura diferente desta, centrada na família nuclear e ter conhecido minha mãe pelo desejo da leitura e informações impactou muito a minha trajetória e de meus irmãos e irmãs, traçando para os/as filhos/as o desejo de serem profissionais segundo as escolhas de cada um/uma. O fato do meu pai ter vindo desta outra região, que não tem nada a ver com o Caribe fez com que ele percebesse e sentisse muito a diferença do masculino e do feminino em ambas as regiões, desejando desde então a profissionalização dos seus futuros filhos e filhas.

Nas savanas do litoral Atlântico tudo girava em torno do gado, e ainda é assim, mesmo atualmente dando-se algumas mudanças com o surgimento de novos cultivos e processos produtivos. É o caso, por exemplo de Monteria, capital do Departamento de Cordoba, com o plantio de árvores madeiráveis de Teca e do município Sahagun (Cordoba)

com o plantio de algodão. Igualmente no município de Sampués (Sucre) que nos últimos anos tem agregado ao gado a produção de artesanias de origem indígenas onde as mulheres aparecem na produção e no comércio deste artesanato. Porém, toda a região permanece com a criação de gado e a reprodução da cultura fundamentada no gado. Para várias atividades comerciais as mulheres inserem-se, porém, desconhecendo realmente a vivência da masculinidade dos homens da família e suas amizades e vizinhança. Esta cultura é diferenciada na classe trabalhadora, porém, na infância e adolescência dá-se uma proximidade entre os filhos do dono da fazenda e os filhos dos trabalhadores. A masculinidade é evidenciada, e a questão da sexualidade masculina é relacionada à naturalidade de ir “para a zona”. Processo esse diferente na cultura Andina do café, em termos da discrição ou visibilidade, diferentemente da região da Costa.

O fato do meu pai não ser desta região e não compartilhar de muitos aspectos da cultura sexista costenha e savaneira, sentindo ainda mais a necessidade da leitura, permitiu uma longa correspondência por cartas com minha mãe, quem lhe enviava revistas e jornais iniciando assim uma amizade com ela que terminou em casamento.

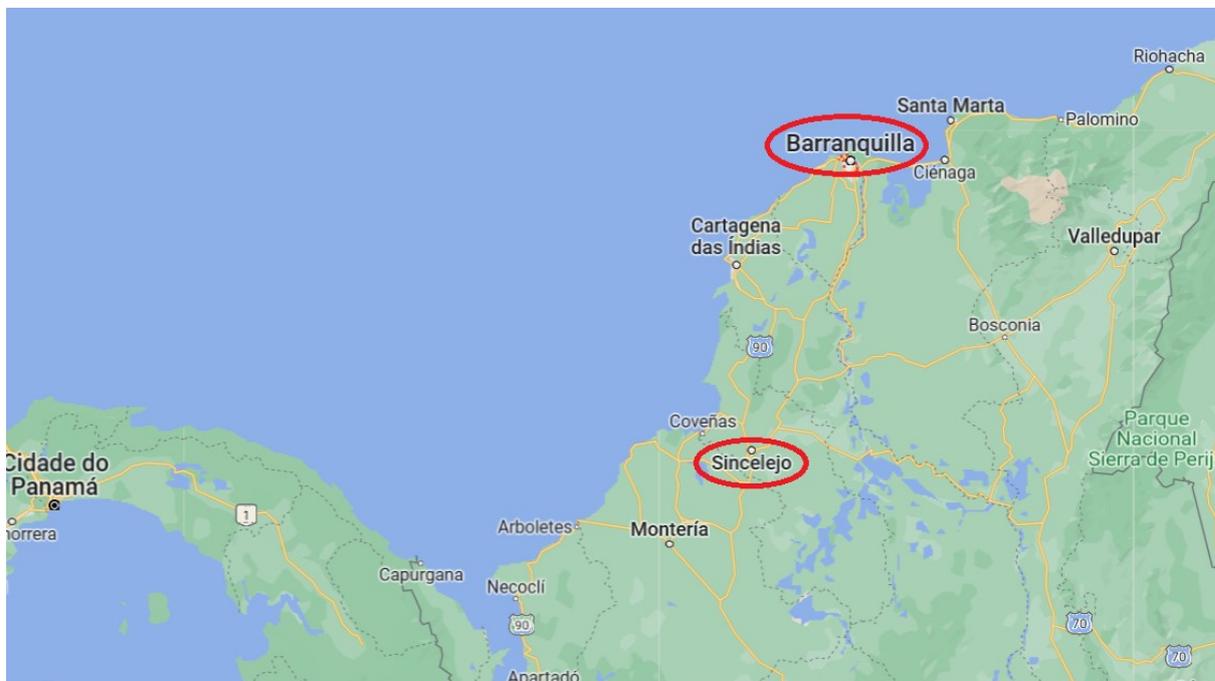
Meu pai teve uma grande surpresa quando chega a este outro território (a Costa e suas savanas) e o compara com sua região Andina de origem e começa a perceber o quanto as mulheres andinas eram totalmente “doadas”, e anuladas pelo cotidiano doméstico familiar, sendo a casa praticamente seu espaço de circulação e preocupação. Enfim, meu pai percebe o quanto eram diferentes e conservadoras as cidades e a cultura Andina do café, em relação às mulheres. Na região da Costa as mulheres, e as “filhas de família”, já começavam a trabalhar fora de casa e inserir-se no mundo público do trabalho. Mesmo no nosso caso (irmãs Duque Arrazola), em que no período escolar “migrávamos” para as casas das tias, para estudar em outra cidade, Barranquilla, a metrópole da Costa, região onde vivenciávamos os impactos de uma feminilidade configurada para os novos tempos do crescimento econômico, e os rumos da política e dos partidos.



Em nossa casa era muito forte a questão da formação, dos estudos escolares e profissionais tanto para os filhos homens como para as filhas mulheres. Meu pai tinha sua biblioteca e nós nossos livros infantis. Tínhamos muitos livros pois vivíamos numa época em que as crianças recebiam livros nos aniversários. Fomos muito incentivadas/os para a leitura e a profissão pois, como advertia meu pai, deveríamos ser independentes, profissionais e não meras esposas submetidas a maridos, e igualmente a meus irmãos advertia para não depender de uma mulher. Meu pai dizia “nem homens dependentes das mulheres, nem mulheres dependentes dos homens”. A perspectiva era de que homens e mulheres tem direitos iguais e quando começamos a pensar nessa escolha das profissões, era, ao menos em casa, um campo aberto. Fomos estudar numa outra região da Costa, irmãos e irmãs, pois tínhamos esse mesmo direito.

Por isso mesmo estudamos fora da casa paterna e materna e da cidade onde nascemos, Sincelejo. Eu estudei toda a minha formação no Colégio Nossa Senhora de Lourdes da Congregação da Apresentação, em Barranquilla, região costeira, onde a maioria das freiras eram de origem Andina e algumas de Bogotá. Uns 4 anos depois apareceram duas

freiras costenhas no colégio. Nesse período escolar as freiras diziam para nós que estávamos lá para formar-nos como futuras mulheres-esposas de diplomatas, ministros, governadores. Por outro lado, nós apenas pensávamos qual profissão iríamos escolher para sair para a universidade em Bogotá, Medellín ou Cali.



Meu pai era um grande comerciante e vislumbrava, nesta perspectiva, também, o interesse dos/das filhos/as pelo comércio. Mas nenhum de nós se inclinou pelo comércio, embora o irmão menor tenha tido uma loja comercial por uns anos, com a ajuda de meu pai, pois com 17 anos iria ser pai e a cidade de Sincelejo tinha um bom e grande comércio. Porém, com o passar dos anos, Sincelejo passou a sentir o peso e poder das cadeias de supermercados, e os gestores do comércio individualizado foram bastante afetados.

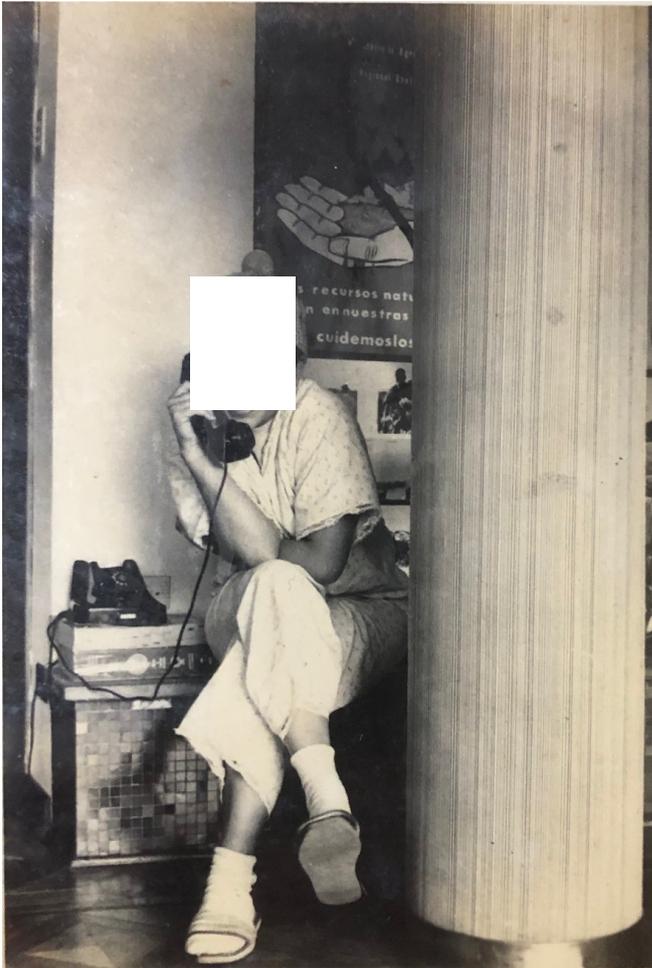
Como dizia, eu fui aprendendo com meu pai, o valor da educação, e o direito a esta para as mulheres e homens. Quando meu pai falava que as filhas não iriam ficar em casa para não serem dependentes, ele acreditava muito no valor de ser profissional, de ter uma profissão.

Minha mãe foi uma mulher a quem não ouvíamos expressar submissão das mulheres ao marido. E elogiava muito meu pai por ser um homem de visão ampla e ele próprio um homem amplo, com falas de conteúdo e o que não sabia o perguntava. Muitas histórias ouvíamos de tias e minha mãe, em que contavam os casos censurados por elas frente ao

machismo e a masculinidade dos homens e submissão das mulheres, o que era uma forma de alerta para nós.



A FORMAÇÃO ACADÊMICA NA UNIVERSIDADE EM BOGOTÁ



Eu queria estudar Antropologia mas fui fazer Sociologia na Universidade Javeriana (privada), as temáticas das disciplinas me instigaram mais, deixando a Antropologia para um mestrado futuro na França (algo que nunca fiz) mas estudei, trabalhei e vivi em vários países latino-americanos e do Caribe. Com a Sociologia fui entendendo e problematizando me sobre questões das desigualdades sociais de classe entre os países, sobre o desenvolvimento, a dependência, o imperialismo e o capital, a relevância da questão camponesa, a importância da política e os desejos de ser a primeira mulher presidenta da Colômbia cresciam.

Meu pai se programava para levar-me as reuniões políticas do partido liberal. O conhecimento e o estudo passaram a ser desejados. Meu envolvimento com os/as camponeses/as organizados e o convívio com as famílias camponesas da minha região durante a pesquisa de campo da monografia, e depois com os camponeses indígenas

andinos e do povo haitiano foram fundamentais para minha formação e desenvolvimento acadêmico, bem como os desafios das feministas canadenses que me encaminharam assumidamente para o feminismo. E todos esses processos se conjugaram com minha inserção na UFRPE, em um departamento como o de Ciências Domésticas (DCD) com seu curso de Economia Doméstica que era considerado uma interrogação no espaço acadêmico pois não era reconhecido como tal. Ingressar ao Departamento de Ciências Domésticas DCD/UFRPE me permitiu ampliar e desenvolver questões relacionadas com as temáticas da questão camponesa e a pequena produção rural contribuindo com ampliação das questões teóricas que as envolviam.

O momento de início da graduação foi um período de muitas vivências na maior cidade da Costa, Barranquilla, com acontecimentos e situações que indicavam que precisávamos estar preparados/as para momentos assim. Momento de muitas coisas políticas. Até mesmo para mim que passava a refletir sobre as diferenças e semelhanças da cidade onde estudava e da cidade onde nasci e que tinha toda a família materna aí, assim como quando éramos visitados por parentes de meu pai, visto que a família paterna estava nos Andes colombianos.

A minha região, apesar de conservadora era e é uma região muito festiva, onde as mulheres costumam dançar com homens conhecidos ou não, mesmo não gostando pois a “um homem não se deixa nunca com a mão estendida”, expressando-se assim a primazia masculina e a subordinação das mulheres ao poder patriarcal. Já em Bogotá, como estudante universitária, e participando com os grupos costenos nas festas ou bailes de final de semana nos apartamentos dos estudantes, comecei a perceber como os homens conterrâneos “cuidavam das meninas de sua cidade, de sua região, o que não fazia com as bogotanas e *paisas*, enfim as “cachacas”. Uma alerta para mim em terra desconhecida e, aprendendo a lidar com esse mundo masculino, que passávamos a conhecer entre baile e baile.

Chego a Bogotá e passo a viver com meus 18 anos a experiência do racismo sem ser negra nem ter cabelos cacheados, pois eram lisos e louros (sem tingir). Assim passei a vivenciar a exclusão racial, tão dolorosa para as etnias e raças consideradas inferiores e quase não humanas (negros/as). Passei a ser rejeitada, ignorada por ser costenha de onde

eu era. Ridicularizavam nossos gestos, modo de falar, o tom da voz. Lembro de dizerem que “fedíamos”.

Nos associavam com os/as negros, devotavam a nós do Caribe Colombiano o mesmo preconceito, porque aqui o preconceito não era apenas com negros/as, mas também com a cultura indígena. Então não era somente ser preto, eu era loira, muito branca, mas vinha de lá, daquela região. Então o preconceito vinha pelo nosso jeito de falar, os gestos, independente do cabelo e da cor da pele. Culturalmente nos associávamos, o nosso espanhol é diferente do espanhol muito bem pronunciado de Bogotá. A gente fala um espanhol diferente deste, há muito movimento com os braços, parecemos ter muitos braços. As mulheres falam com as mãos, com o “R” pronunciado, falamos alto, e isto não era culturalmente aceito. Nesta experiência tive a compreensão do que era o preconceito, a aversão.

Nem eu nem os/as colegas desta região éramos chamados para ir nas casas de outros/as colegas. Uma vez fui convidada, mas a menina me pediu segredo. De todo modo esta experiência foi importante, de muitos aprendizados durante a graduação. Neste tempo a Sociologia estava refletindo sobre classe, trabalho, campesinato.

Minha monografia de fim do curso de graduação em Sociologia, na Pontifícia Universidad Javeriana em Bogotá, Colombia, no ano de 1975 foi: “LA EMPRESA COMUNITARIA E SEU POTENCIAL DE CAMBIO: Um estudio de caso”. Monografia cujo orientador foi João Bosco Guedes Pinto, que tinha sido meu professor no curso de Sociologia na Universidade Javeriana¹, e que anos depois se tornou meu esposo.

¹ a Universidade Javeriana tem dois grandes períodos marcantes em sua história como instituição universitária: a) na época colonial 1623 a 1767 quando os jesuítas foram expulsos dos domínios espanhóis paralisando seu trabalho educativo e b) nos tempos contemporâneos quando volta ser um centro de estudos universitários iniciado em 1930.



O professor João Bosco Guedes Pinto, primeiramente ministrou a disciplina sobre “Desenvolvimento Rural” relacionada à questão agrária e camponesa e o desenvolvimento rural. No semestre seguinte foi novamente meu professor na disciplina de Metodologia da Pesquisa, sob a influência da “investigação temática” que passa a ser contemplada em alguns aspectos na “pesquisa-ação”, ambas com influência da pedagogia de Paulo Freire. Vários alunos do curso de Sociologia da “Universidad Nacional” da Colombia (pública) passaram a ser alunos do João e partilharam esses aprendizados obtidos no Chile com Paulo Freire. Estudantes engajados em movimentos sociais e camponeses, por sua vez envolvidos com grupos vinculados à “Teologia da Libertação” na Colombia. Era um período de grande mobilização política: entre elas o surgimento de grupos guerrilheiros de várias tendências, os movimentos camponeses e pela reforma agrária, também com várias tendências; movimento de bairros, movimento estudantil. Muitos padres e religiosos estavam vinculados com esses diferentes movimentos, e até a “Universidad Javeriana” fez greve e saiu às ruas pela primeira vez em sua longa vida, conosco da Sociologia no *front*.

Eu me inseri ao grupo de estudantes do curso de especialização em Desenvolvimento Rural ao qual João dava aula como membro integrante do Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas da OEA-IICA CIRA, em Bogotá. Com esse grupo participei uns dias durante

uma experiência de educação popular com camponeses da minha região (fumo), temática que depois foi retomada no mestrado e ampliada com as experiência e participação com camponeses andinos e de Guayaquil, no Ecuador, República Dominicana, e Haiti.

O João foi ser meu professor, depois vira meu companheiro, ele trabalhava a questão agrária, do movimento da pequena produção. Naquela época eu pensava ainda em fazer meu doutorado na França porque queria estudar um pouco Antropologia Cultural, mas acabei me voltando em minha monografia para estudar as empresas comunitárias de origem camponesa, a questão da reforma agrária.



(Com João se inicia a segunda fase das minhas experiências...)

O TRABALHO COM O CAMPESINATO NAS AMÉRICAS

Conclui o curso de graduação em Sociologia em 1971 e fui para o Peru, o trabalho lá era com os camponeses nessa perspectiva da modernização, desde uma perspectiva mais associativa, mesmo tendo como meta a formação de pequenas empresas rurais numa perspectiva do capital, a exemplo do que se dava na Colômbia e Equador. O grupo, que trabalhava também uma oposição aos militares, visto que poderia formar a consciência de classe, então isso ainda se dava e tinha coisas interessantes como a reforma da educação. Esses programas de entrega associativa da terra, eram programas que traziam avanços de sair das pequenas unidades de agricultores familiares (indígenas e de raiz africana), mas na perspectiva idealizadora da entidade, era dar uma base para a formação de pequenas empresas, se aproximando das premissas capitalistas.



Com João, principalmente a partir do término da graduação, começo a partilhar dessas reflexões sobre questões culturais (indígenas, e as raízes africanas) além da questão camponesa no contexto das classes sociais de cada país. Apareciam, em relação às mulheres, as evidências das desigualdades entre homens e mulheres a partir da divisão sexual do trabalho. Como dizia, os novos aspectos metodológicos desse momento marcante na Colômbia para uma jovem e inexperiente recém-formada em Sociologia, com suas marcas de raça e classe, foram significativos: contribuições da Teologia da Libertação nos

movimentos populares bem como as contribuições de Paulo Freire e suas repercussões na investigação temática, pesquisa-ação e pesquisa participativa. Os trabalhos relacionados a uma outra forma de trabalho educativo despertaram e aprofundaram os trabalhos com indígenas camponeses/as de Equador e Peru, e depois com os/as camponeses/as de República Dominicana e Haiti e os/as estudantes da Universidad Central de Nicaragua e o “Instituto Tecnológico de Santo Domingo”, o INTEC, onde trabalhei como professora enquanto morei em Santo Domingo/República Dominicana-RD cujos alunos/as se integraram ao trabalho de educação popular com camponeses produtores de cebola, trabalho com o movimento camponês que o IICA de Santo Domingo que, a partir de João passou a apoiar.

Essas experiências todas de organização, educação popular, eram e são classificadas nas universidades como atividades de pesquisa e extensão. Uma extensão e pesquisa que traziam as pedagogias do oprimido e da libertação nos processos organizativos desses/dessas camponeses/as, estudantes, e técnicos/as marcados em seus países e regiões pelas questões de classe, raça, etnia, gênero².

Por causa do trabalho da minha monografia para concluir o curso de Sociologia, pude adentrar-me um pouco no que significava para o movimento camponês a entrega da terra de forma coletiva como *empresa comunitária* e não dividida em pequenas parcelas ou *minifúndio*. Como já dito, minha região caracterizava-se pela propriedade privada de grandes fazendas para a criação do gado, e grandes e medianas extensões para a criação do gado, enquanto a produção camponesa se faz em pequenas extensões, próprias ou alugadas. A organização camponesa na época anos 1970 e 1980 em diante organizou-se em volta da *Linha Sincelejo*, mais politizada e questionadora. Opunha-se à política do INCORA (Instituto Colombiano de Reforma Agrária, que propunha a entrega individual da terra em pequenas unidades produtivas, enfim minifúndios, reproduzindo a ideologia da propriedade privada da terra).

Quando estudante, as empresas comunitárias e a reforma agrária representavam um momento de mudanças, de se pensar outras formas de posse da terra relacionadas ao

² Esse momento histórico para muitos/as estudantes e profissionais de vários países, sobretudo os/as do Brasil, Chile, Argentina, quando o vínculo a esses trabalhos educativos e organizativos representavam um risco para a volta ao país de origem, pois estavam sob regimes militares ditatoriais. Palavras como Extensão e Pesquisa diminuía o tom subversivo, diferentemente ao termo Organização.

coletivo, à associação, não à entrega privada de minifúndios, das terras, mas à produção de modo comunitário. Hoje penso que o nome poderia ser outro, mas naquela época fazia sentido para os/as camponeses, mas tinha a ver com as contradições do capital globalizado e do neoliberalismo, uma relação com o capitalismo globalizado em tempos neoliberais, ou seja, contemplando o avanço das novas formas do mercado.

Os camponeses/as de quem falamos eram e são produtores de tabaco (fumo) de qualidade. Explicando melhor, produtores de fumo com muito pouco processamento e valor agregado, favorecendo, assim, a venda do produto bruto: a folha do fumo. Portanto, construir empresas comunitárias em comunidades camponesas era um desafio, uma expressão da luta de classe local e algo que as famílias fazendeiras não assimilavam como procedente.

João e eu recebemos uma notificação de uma liderança da “Linha Sincelejo” para não comunicarmos até que essa liderança enviasse nova correspondência, pois às vezes chegavam cartas e notícias e, numa delas, chegou um recado de uma das lideranças para não escrever até nova ordem. Assim, não tivemos mais notícias e, no meio disso, minha irmã, minha tia e o núcleo familiar passou a viver novamente em Barranquilla.

Tudo isso estava relacionado com o momento econômico e político da Colômbia e as contradições do capital em América Latina, em geral, tem relação. O traslado de João ao Peru também foi uma saída simulada de pressões à instituição cujo chefe era brasileiro, mas cuidava de si e de seus conterrâneos. O João foi transferido para Peru para fazer um trabalho com camponeses quéchuas e aimarás no Departamento de Puno, fronteira com Bolívia e em Piura, ao sul do Peru, fronteira com Equador onde trabalhamos em Babahoyo com camponeses que trabalhavam nas plantações de cacau mas perderam as terras por efeito de programas de reforma agrária nunca concretizados, apenas iniciados. Decaindo a produção de cacau com grandes desdobramentos econômicos, sociais e políticos não se completavam as entregas de terra, e/ou os programas de irrigação, projetos de trabalho estes ao qual eu pude me envolver.



E foi aqui, na experiência de Babahoyo, no Equador, que eu vivenciei os ataques descaradamente machistas e sexistamente desrespeitosos, afirmando uma masculinidade grosseira e, quem sabe, não muito convincente da sua própria masculinidade. Eu participava das reuniões e as camponesas e jovens camponeses conversavam comigo e prestavam atenção. E um dia entre os 15 ou 20 dias que estávamos lá apareceu um desenho no banheiro de uma transa de um homem e uma mulher que tinha meu rosto. João e eu fomos avisados para não entrarmos nesse banheiro, o qual eu não usava. Fizemos a reunião da manhã, mas nós dois não entramos no banheiro. Depois, antes do final da tarde eu falei sobre o “machismo”, as relações entre homens e mulheres sem mencionar o desenho do banheiro, mas salientando quanto desprezo os próprios homens criam para si ao tratar de ofender e humilhar uma mulher. No dia seguinte, dois ou três técnicos que faziam parte desse trabalho avisaram que estavam com problemas em casa e precisavam sair e, no dia seguinte a este, mais três homens se retiraram.



Aprendendo com as diferentes formas da vida camponesa nessas regiões mencionadas, a questão da divisão sexual do trabalho é fundamental, pois ela não é apenas a expressão de costumes, mas reprodutora de simbologias. No caso que diz respeito, também, à população de raiz africana, dada uma expressão que se repete em várias sociedades onde a escravidão foi constitutiva dessas nações: “hoje trabalhei como um negro/a”.

Principalmente nesse momento, a questão do rural e do “urbano” muito forte dentro da Sociologia. Também reproduz valorizações hierarquicamente diferenciadas sobretudo para as mulheres rurais negras, indígenas e domésticas, em que a falta de domínio da escrita e a leitura são marcantes na sua socialização. Algo semelhante hoje em dia com relação ao domínio das tecnologias informacionais repercutindo na subjetividade dessas mulheres, sobretudo as mulheres das frações mais empobrecidas da classe trabalhadora, em particular, nas regiões mais industrializadas. A questão das mulheres vai aparecer depois, já numa perspectiva de gênero e não só de classe, pois para uma socióloga e profissionais de

outras áreas das ciências sociais e aplicadas, a perspectiva do feminismo e das classes é fundamental para apreender a complexidade das dinâmicas e contradições da sociedade, no nosso caso, de uma sociedade capitalista. A produção feminina nesses campos das ciências é algo de dar gosto, visto a suas contribuições analíticas e as novas referências que vão trazendo. A docência tem que incentivar isto nas suas alunas. E isso, por quê? Porque a abordagem na perspectiva do feminismo acaba impactando, se não tanto a forma de trabalho, mas a análise sobre os trabalhos, a interpretação sobre o que diziam e viviam as mulheres.

Mais tarde na minha trajetória eu fui percebendo a falta de certas categorias, na medida em que a dinâmica social e suas contradições trazem mudanças e novos desafios para aprendê-las e transformar. Também o trabalho em equipe ajuda nesse processo. Minha experiência a respeito é que a equipe contribui a aprimorar o conhecimento e a descobrir várias alternativas para enfrentar essas realidades. As categorias continuam sendo essa ferramenta de análise e compreensão da complexa e contraditória realidade. Realidade das quais vou me apropriar e seguem marcando a minha trajetória acadêmica, intelectual e de estar no mundo que vieram do momento feminista e de uma perspectiva de análise a partir de reflexões sobre opressão, economia do cuidado e consubstancialidade.

Embora reagisse às posturas e expressões da cultura patriarcal colombiana centrada no poder masculino e na subordinação e dependência das mulheres aos homens, em particular aos homens da casa, da família, segundo a classe social, raça e territórios países, regiões, por exemplo, eu não era feminista pois não era um sujeito político feminista. Nesse sentido as feministas com suas contribuições teóricas falam do feminismo como um movimento social e político em que as mulheres vão construindo-se como sujeito político. Na medida em que as mulheres se insurgem, questionam, problematizam e descobrem as contradições, os modos aparentes dessa dominação, opressão e invisibilização da mulher, do feminino, as mulheres vamos posicionando-nos criticamente, e desvelando nesse processo a naturalização da dominação, entre outras manifestações do patriarcado histórico e nos contextos particulares.



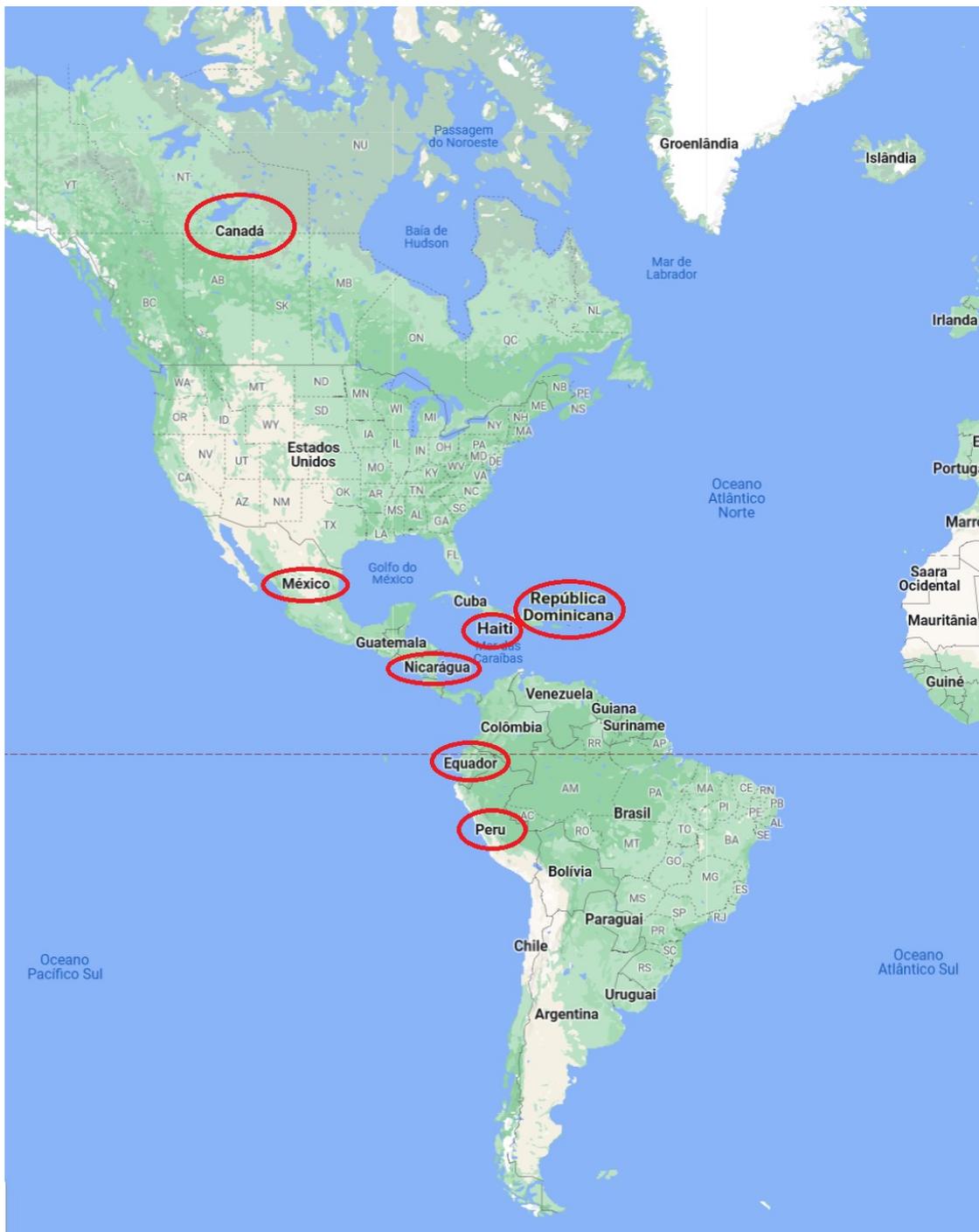
Morando em Lima, capital do Peru o vínculo com exilados brasileiros foi muito rápido. Muitos iam para o Peru pois Chile estava “saturado” de exilados. Conheci vários que, por sua vez, nos colocavam em contacto como outros mais. Darcy Ribeiro morava em Lima na época. Com ele foi muito rápido o contato, foi maior com Berta, sua esposa. Dentre os brasileiros que fomos conhecendo tinha um de Manaus, terra onde João nasceu e com ele e os da região amazônica passamos a conviver mais e a partir dos quais passaram a conviver comigo. Dois irmãos cariocas (brancos) de 19 e 20 anos cujo irmão foi preso. Era professor e militante mesmo tendo uma origem de classe mais para a burguesia e cuja família tinha alguns contatos com Darcy. Ele os encaminhou para o conterrâneo amigo amazônico do João que, por sua vez, os colocou em contato com João e eu. Os recebi logo para morar em nossa casa um pouco mais de dois anos. A casa tinha dois ambientes. A mãe e tia estiveram umas duas ou três vezes em Lima. Bela convivência com dois jovens da idade de um irmão. Depois outro brasileiro professor de engenharia, exilado no Chile, teve que exilar-se em Lima quando do golpe militar de Pinochet. Também foi morar conosco e depois com a chegada de um casal, ele amazonense cujo filho nasceu em Lima e eram estudantes de Antropologia na Universidad de San Marcos.

Isto tudo me aproximou a um conjunto de pessoas, não só de exilados e estudantes da Universidade de San Marcos em Lima. Me permitiu trabalhar no Ministério de Educação, no setor de Tele Audiência, em relação as propostas da reforma da Educação que estava implementando-se e tinha-se conseguido no governo militar de Alberto Alvarado – com várias diferenças em relação à ditadura militar no Brasil. Tinha-se conseguido como grande conquista a designação do idioma indígena, quéchua, como língua oficial do Peru igual ao espanhol (ou castellano em alguns países). Meu propósito era trabalhar com a reforma agrária mas surgiu a possibilidade de fazê-lo no Ministério de Educação, com educação popular dada minha experiência no campo educacional e com a pesquisa-ação. Iria trabalhar com essas famílias nos “*pueblos jovens*” de Lima. Algo novo e interessante. Seria no setor de Tele audiência para trabalhar com famílias moradoras destas “favelas”, *invasões* de habitantes indígenas que migravam a Lima para melhorar as condições de vida. Comecei trabalhar no ministério de Educação com Tele audiência; estive várias vezes no “Pueblo Jovem” (considerado nome revolucionário do governo militar). Trabalhei uns 10 ou 11 meses, interrompendo o trabalho e envolvimento com os colegas, cada dia aprendendo e conhecendo mais, por causa de um assalto à faca que me cortou o nervo radial do braço direito, tomando 2 anos e 6 meses de recuperação para a escrita e manejo da mão.

O conhecimento em alguns aspectos da realidade latino-americana não me permitia, na época, generalizar o patriarcado com os povos indígenas com quem iniciava meus contatos, mas sim me permitiu reagir a uma tentativa de assédio sexual num ônibus que me levava ao Ministério de Educação saindo de casa: de Barranco onde morava, ao centro de Lima. Minha reação às 7 da manhã foi levantar a voz e com as palavras em espanhol dentre elas as de *covarde, fdp, machão sem mulher, fracassado*. E quase em uníssono os homens me chamaram de mal-educada e atrevida e as mulheres também. Consegui, no entanto, golpeá-lo. Contando a história com o grupo de Tele Audiência houve risos e tudo o dito foi associado à falta de educação do povo.

O feminismo foi chegando sem eu me propor a escolha da temática como aconteceu com as temáticas sociais, de classe e sobre o capitalismo, bem como com a influência marxista ou do materialismo histórico no final da década de 1960 e de 1970 em diante. O feminismo como postura do sujeito político mulher feminista, me chegou no Canadá com as alunas do curso de Desenvolvimento Rural da Universidade de Guelph (Ontario, 1985) onde

João foi convidado, pela professora Eleonora Cebotarev a dar aulas por um semestre. Eleonora que conheci rapidamente em Fortaleza em um evento sobre questões rurais e considerou que minhas experiências com as mulheres dominicanas, haitianas, peruanas, equatorianas e brasileiras poderiam contribuir para com as/os estudantes canadenses. Tinham várias estudantes que conheciam países de América Central e nenhum conhecia o Caribe e várias estudantes eram vinculadas ao movimento feminista e indagavam muito o assunto.



Resultado, as indagações eram respondidas com muitas referências empíricas sem bases teóricas no feminismo, mas foi mutuamente rico para todas/todos porque eu tive que pedir ajuda a Eleonora que passou para mim pequenos textos em inglês e João lia os traduzindo, assim como minhas falas com as/os estudantes eram traduzidas por ele.

Então Peru, Guatemala, Equador, República Dominicana, Haiti, Nicarágua e México estão relacionados com minhas experiências, principalmente, a esse trabalho com campesinato, neste processo das empresas rurais, mas aí surge uma outra possibilidade de trabalhar no campo da educação, trabalhar com o grupo que ocupava as chamadas “invasões”. Estas experiências na América Latina e América Central, incluindo Nicarágua foram muito importantes para a minha formação, conhecemos muita gente durante estes anos. A respeito não escrevi nada melhor na época, por falta de tempo.

A CHEGADA AO BRASIL, OS PRIMEIROS TRABALHOS E EXPERIÊNCIAS

Chego ao Brasil em fevereiro de 1979, e João, na época, tinha uma missão de trabalho no interior da Bahia, na região da construção do Lago de Sobradinho com a população camponesa realocada em outros povoados, resultado da inundação do rio São Francisco. No que eram antes povoados, cultivos da agricultura familiar, criação de animais de pequeno porte como aves, bode, entre outros mais. O pessoal não estava conseguindo mobilizar e então que chama aquele que tem a ver com as pessoas, com os lugares que criaram as grandes reservas de água. Então, era uma coisa incrível a experiência da Codevasf na construção do Lago de Sobradinho na Bahia, muito importante e desafiadora.

Chegamos lá e descobrimos que também tinham uma visão sobre nós, de mim, por causa da língua, por ser mais nova que o João, pelo modo como eu me vestia, criaram uma imagem de que eu era brava, “terrível”, para que os/as técnicos agrícolas que iam fazer uma capacitação para esse trabalho participassem e se mantivessem nas aulas. Trabalho inspirador, também, com aportes da pesquisa-ação. Foi assim que criaram uma imagem de mim. Só um da Codevasf tinha me visto antes por umas horas, e eu era mais rígida que o João. Acredito que até do modo como cheguei vestida influenciou: as roupas de frio, pesadas, chapéu dos fazendeiros do Cusco, tudo isso causou, inicialmente, um estranhamento.



O mestrado em Sociologia com área de concentração em Sociologia Rural, foi cursado na Universidade Federal da Paraíba no Centro de Humanidades em Campina Grande, Paraíba PB, sendo orientada por João Bosco Guedes Pinto com o título “A CONDIÇÃO CAMPONESA: aparência e realidade no capitalismo” e defendida em 06 de Agosto de 1985.

Depois da chegada ao Brasil vindo do Canadá, a professora Marieta Koike, colega de João na graduação e no mestrado de Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco/UFRPE, a quem eu já conhecia, me enviou um recado propondo-me associar ao Centro Josué de Castro – CJC, formando um grupo de pesquisa em Pernambuco. Ao mesmo tempo, chegando no Brasil entrei em contato, por sugestão de Eleonora, com Elza Maria M. Vieira, professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco no Departamento de Ciências Domésticas que tinha trabalhado sobre o patriarcado no Espírito Santo no seu mestrado em Extensão Rural e com a professora Elza e fomos para o CJC saber a respeito.



Foi assim que criamos o grupo de estudos e pesquisa GT Mulher Fazendo Gênero-CJC criado numa perspectiva Pedagógica-Educativa de gênero, de produção de material pedagógico, pesquisa sobre a questão de gênero, educação, meio ambiente, consumo, participação, organização e assessoria a grupos populares de mulheres. Do GT Fazendo o Gênero /CJC fazíamos parte professoras da Rural de Economia Doméstica DCD/UFRPE: Elza, Isa, Carla Suely e eu.

O PERCURSO NA UFRPE E NOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Fiz o concurso para professora no Departamento de Ciências Domésticas, passando em primeiro lugar. O título do meu trabalho monográfico para o concurso foi “DESENVOLVIMENTO COM ROSTO DE MULHER: um desafio na sociedade patriarcal e de classe”, sendo defendido no dia 1º de Março de 1992.

Concurso este que representou para mim uma outra vivência nada agradável. Quando entrei na secretaria do DCD, chamada pela Diretora, um casal esperava ser chamado. Cumprimentei ambos já que conhecia ela e tinha participado comigo no concurso de seleção do DCD. Esse casal estava aí para avisar à Diretora que estavam indo para impugnar os resultados do concurso pois eu não poderia ser contratada por ser estrangeira. Para minha sorte eu me naturalizei logo que casei, tendo ganho o visto de permanência como estudante matriculada no mestrado em Sociologia, o qual fazia na Universidade Federal da Paraíba em Campina Grande. Tendo assim um tempo vivendo no Brasil facilitando a naturalização, pois cheguei em 1979 e concurrei para o mestrado como estudante ganhando o visto de estudante.



Ou seja, o sujeito político mulher também é diferenciado, oprimido, invisibilizado, dominado além do gênero, segundo sua raça, classe social, sexualidade, transexualidade, territórios onde mora e trabalha e de onde procede. Mas sendo o feminismo também um movimento social e histórico, ele se exprime segundo os contextos socioeconômicos, políticos, sociais e culturais da sociedade concreta. Daí que hoje em dia os avanços políticos e teóricos frente a opressão e a dominação e o avanço do feminismo nos diferentes países e

continentes, o sujeito político feminista se constitui também marcando a interseccionalidade não só de gênero e classe social, mas também de raça, sexualidade, território, idade.

O conhecimento é importante nesses processos. Na perspectiva do materialismo histórico e suas diferentes expressões, a tomada de consciência é parte fundamental e a “figura” do intelectual orgânico também. Algo semelhante implica ser sujeito feminista.

A vinculação ao Josué de Castro nos trouxe a todas nós a contribuição das discussões críticas e politizadas em vários campos de ação e conhecimento para constituir-nos em sujeitos políticos com os grupos de mulheres e feministas, cada vez mais ativos. Vieram assim também, as solicitações do UNICEF para o trabalho de pesquisa no qual envolveram-se estudantes de Serviço Social da UFPE e professoras e estudantes do DCD. Pesquisa sobre o “Cotidiano sexuado de meninos e meninas em situação de pobreza” que virou um artigo publicado no livro “Quem mandou nascer mulher: Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil” organizado por Felicia Reicher Madeira e publicado pela Editora Rosa dos Tempos e Unicef no Rio de Janeiro, em 1997, com ISBN 85-01-0410-8.

Também permitiu que os contatos feministas me procurassem para realizar uma pesquisa com a “Casa de Passagem” publicada pela Casa de Passagem em Recife, 1997, com o título “Meninas de rua do Recife”.



Meu doutorado foi em Serviço Social, realizado na Universidade Federal de Pernambuco/UFPE, no Departamento de Serviço Social sob a orientação da Profa. Dra. Ana Elizabete Mota, defendido em 2003 com o título “O Lugar das Mulheres nas Políticas de Assistência Social: um estudo sobre a experiência do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil em Pernambuco”. Este doutorado me permitiu apreender e interrelacionar novas questões e temáticas desde uma perspectiva da totalidade social e da dinâmica contraditória do capitalismo contemporâneo nos países latino-americanos. Tese que se voltou à questão de gênero e as políticas sociais, numa perspectiva feminista e de classe.

No entanto, o feminismo não chegou a mim como postura política assumida pelo sujeito mulher, e abordagens teóricas a respeito. O que sabia era todo jornalístico. E as reações contra o machismo vinham das influências familiares contra o machismo e reações à cultura sexista patriarcal da região onde nasci, bem como dos aprendizados no curso de Sociologia.

E até hoje a gente continua interligada: se criou o NUPEM, o Núcleo de Estudos de Pesquisa sobre a Mulher, que se visibilizava também junto ao Josué de Castro. O departamento de Economia Doméstica junto com algumas mulheres e alunas da UFPE-Serviço Social/Fazendo o Gênero-Josué de Castro se juntaram como um grupo de pesquisa sobre a mulher, sobre as pessoas de gênero feminino. Era uma época em que se falava de feminismo igual a mulher, e os referenciais eram empíricos, das culturas regionais, mas havia o domínio da teoria. Éramos iniciantes, e coincidentemente, surge a categoria teórica gênero, que constituía um corpo teórico e político para o feminismo. O grupo organizou o seminário “A Reprodução do Gênero nos Espaços Público e Privado, numa promoção da Economia Doméstica, que já aparecia como um curso que não era simplesmente aprender a cozinhar e a preparar a melhor comida. Saímos dessa visão que sempre tinha algumas piadinhas para nós e os próprios alunos passaram a dar reconhecimento, por termos sido visibilizadas no contexto da universidade.

Esses ganhos para nós do DCD /UFRPE se concretaram também no nosso mestrado, no curso de pós-graduação em Consumo Cotidiano e Desenvolvimento Social que envolveu mestrandos e mestrandas. Trazendo e estimulando o surgimento de pesquisadoras e pesquisadores, envolvendo novas e desafiantes temáticas consumo-gênero na sociedade de

consumo no capitalismo contemporâneo globalizado, temos como exemplo a dissertação de Leonardo do Monte Rabelo: O automóvel e a Identidade masculina de Gênero, por mim orientada e aprovada em seção pública em Recife 2016. Estas iniciativas propiciaram estudos, pesquisas, debates, descobertas, enfrentamentos, e crescimento acadêmico. No entanto, nosso programa de pós-graduação “Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social/PGCDS foi impedido de renovar-se pela própria Capes, antes de completar três anos.



Por sua vez, o curso de graduação em Economia Doméstica, e logo depois em Ciências do Consumo estimulou ainda mais a formação de novos quadros em pesquisas relevantes, tanto para o DCC quanto para a UFRPE. Tanto nas pesquisas monográficas como nos TCCs e monografias da universidade, os espaços de pesquisa cresceram, os/as novos/as pesquisadores/as foram para fora do campo da Universidade: para as ruas, o comércio e o mercado ambulante. Por exemplo, foram enriquecendo professoras também e nós começamos a sair da universidade para os municípios vizinhos. A divisão social do trabalho foi inserindo as relações de gênero nesses processos, aparecendo raízes do consumo marcadas pelas relações de classe, mas também e imbricada a elas as relações de gênero e as ideologias patriarcais.

Algumas estudantes percebiam como a divisão sexual do trabalho estava representada por atividade, por profissões as mulheres estudando, como se fosse natural que as mulheres estudassem determinadas pela condição de ser mulher. Simplesmente como mulheres com as preocupações das crianças, doação como mulher, a rainha do lar, etc. Hoje com a influência da economia do cuidado, cada vez mais, está aparecendo vários assuntos que antes estavam reduzidos ao espaço doméstico. Não se falava sobre esta categoria que está surgindo agora, e em consequência da pandemia, que traz toda uma abordagem para professoras e professores, assim como para estudantes.

REFLEXÕES SOBRE ELEMENTOS IMPORTANTES DESTA TRAJETÓRIA

Neste ponto do memorial, a partir da tentativa feita até aqui de apresentar uma narrativa sobre o vivido, vou me voltar para algumas sínteses e destaques a partir da minha trajetória acadêmica, intelectual e de pesquisa, sobre temas e interesses despertados e vividos nos tantos encontros nestes anos de atuação profissional e militância pela educação e por uma sociedade menos desigual nas relações entre homens e mulheres. Nesta parte do texto destaco principalmente elementos a partir da chegada ao Brasil e do trabalho na Universidade Federal Rural de Pernambuco, no Departamento e campo da Economia Doméstica a princípio, posteriormente Ciências do Consumo, sempre em aliança e associação com movimentos de mulheres feministas de mulheres trabalhadoras, camponesas, em suas diversas representações.

A título de síntese, conforme apresentado minha graduação foi em Sociologia pela Pontificia Universidad Javeriana (1972), mestrado em Sociologia Rural pela Universidade Federal da Paraíba (1983) e doutorado em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco/UFPE (2004).

Destaco aqui as reflexões viabilizadas pelas reflexões sobre gênero, classe, espaço e trabalho a partir das disciplinas ministradas nos cursos. Cabe destaque também o processo de criação e coordenação do Mestrado Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social (DCD/UFRPE).

Lembro de fazer referência às participações e publicações como membro da Rede Feminista Norte Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero/REDOR e o fato de integrar os conselhos consultivos do SOS Corpo, Casa da Mulher do Nordeste, dentre outros.

No mestrado trabalhei em Sociologia Rural na Paraíba trabalhei questões relacionadas ao estágio atual do desenvolvimento do capitalismo, nas formações latino-americanas, na perspectiva de que para se compreender o processo de constituição em classe do campesinato (classe-para-si) é necessário apreendê-lo em sua determinação e pertença de classe (classe-em-si). A compreensão era de que não seria o bastante mostrá-lo como "grupo doméstico de cultivadores rurais", produtor rústico em pequena escala, como

economia ou modo de vida peculiar a determinadas sociedades (sociedades camponesas), que diferem das sociedades mais envolventes. Sua existência, empiricamente reconhecível e constatada, somente seria compreensível a partir de conseguir ir mais além de sua 'forma de aparecer' que é sua condição camponesa.

O que motivava a reflexão era o reconhecimento de que concebe-se o camponês como subsumido pelo capital: de forma semelhante ao operário real, ele é transformado em valor de uso para o capital, no processo geral da produção deste. Em consequência/ apesar de sua forma contraditória de ser, o camponês, não apenas gera mais valia, como contribui também para a valorização do capital, o que faz dele um determinado trabalhador produtivo para o capital.

Neste sentido o estudo buscou mostrar como o camponês é de fato um trabalhador e só aparentemente um proprietário dos meios de produção. Em outras palavras ele é um determinado ser proletário que se reproduz sob uma condição camponesa. À guisa de conclusão o estudo buscou recolocar o processo de constituição em classe do campesinato, lado a lado com o proletariado, como uma das forças que, na sociedade capitalista são "portadoras do futuro".

Já no doutorado, com a pesquisa *"O lugar das mulheres nas políticas de assistência social: um estudo sobre a experiência do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil em Pernambuco*, trabalhei das políticas de assistência social e das desigualdades sociais de gênero na contemporaneidade, na perspectiva da divisão social e sexuada hierárquica do trabalho e dos tempos sociais sexuados.

Nosso interesse foi conhecer a condição do sujeito feminino nos programas de assistência social de renda mínima, instigada pelas questões dos tempos sociais femininos enquanto mediação da ampliação da jornada de trabalho das mulheres-mães-donas-de-casa-profissionais e do processo de empoderamento que sua participação nesses programas poderia propiciar. A unidade empírica de estudo foi o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil PETI, implementado em municípios das Zonas da Mata Norte, Mata Sul e Região Metropolitana de Recife, no estado de Pernambuco, com ênfase no município do Cabo de Santo Agostinho.

O objetivo do estudo era identificar e analisar a condição das mulheres no PETI e as possibilidades de uma ação emancipatória de gênero em decorrência de sua participação no referido Programa. Partimos do pressuposto de que a reestruturação capitalista e a reforma do Estado, além do caráter de classe, têm, também, um caráter sexuado cuja imbricação determina a reprodução das relações desiguais de gênero, da divisão social e sexuada do trabalho e dos tempos sociais sexuados, segundo os pertencimentos de classe, raça e etnia das mulheres e dos homens nas sociedades concretas.

Outro pressuposto se voltava para o fato de que a participação coletiva das mulheres no PETI criaria condições para um empoderamento das mesmas, permitindo inflexionar, em nível local, o poder patriarcal do Estado sexista e de classe, mas somente teria dimensões emancipatórias na medida em que mudassem as relações de serviço do trabalho e os tempos sexuados da reprodução da família.

A pesquisa desvelou que a participação da família-mulher no PETI, nas condições de extrema pobreza que as caracteriza, não tem proporcionado uma participação empoderada. Em função das responsabilidades sociais das mulheres com a reprodução social do grupo doméstico-familiar, o Estado utiliza a participação das mulheres no Programa mediante o usufruto gratuito dos tempos femininos da reprodução. Enquanto corresponsáveis pelo Programa, a presença dessas mulheres não tem representado uma inflexão do Estado, em termos da ideologia patriarcal e do sexismo, nem tampouco manifesta mudanças nas relações de serviços e nos tempos sexuados da reprodução da família. O Estudo permite a conclusão naquele contexto de que as tendências dessa participação das mulheres nos Programas de Assistência e Renda Mínima não configuram ações emancipatórias da subordinação de gênero das mulheres.

Estes foram trabalhos muito importantes em minha trajetória porque acabam impactando diretamente em uma agenda de pesquisas.

Enquanto professora me volto para as reflexões principalmente das questões de gênero e desenvolvimento. Nas disciplinas sempre trabalhei na perspectiva de integração entre teoria e prática, a partir do incentivo para que os/as discentes também produzam e apresentem elementos para a reflexão teórica. Assumimos como método para o ensino uma perspectiva colaborativa em termos de vivências relacionadas à produção, levantamento e

sistematização de dados que possam ser compartilhados e refletidos no tempo da disciplina dando materialidade aos conteúdos. Me voltei durante quase toda a minha trajetória acadêmica no campo da docência para a perspectiva de formar novos e novas pesquisadores/as.

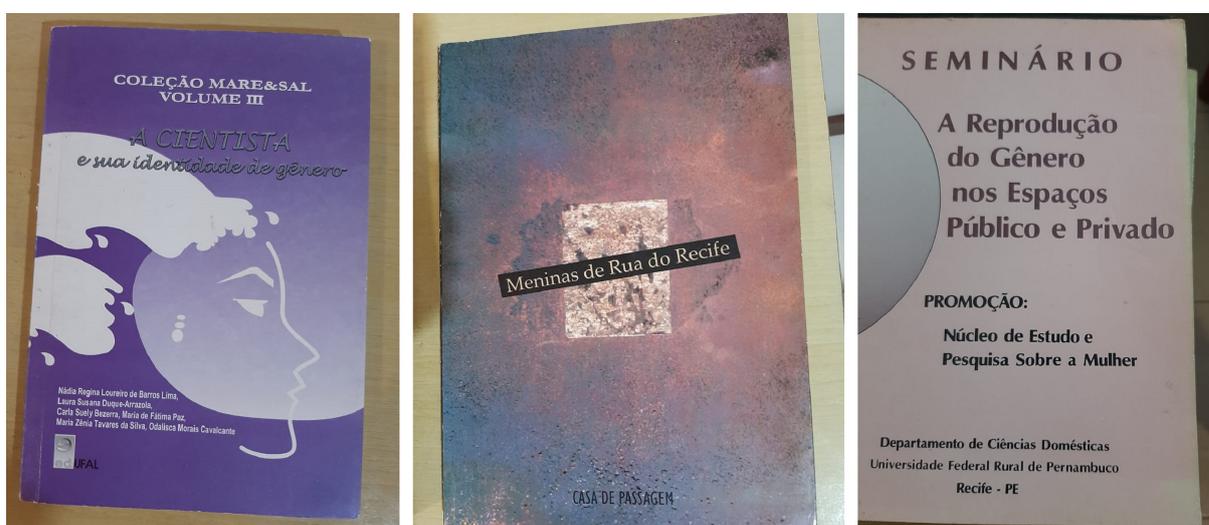


Inicialmente as reflexões na disciplina foram voltadas mais para as reflexões sobre ser mulher, sociedade, cultura; Patriarcado, gênero, classes sociais, raça-etnia, questões relacionadas para o desenvolvimento e as teorias e modelos de desenvolvimento. Transformações da sociedade capitalista contemporânea, refletindo o caso do do Brasil; Cidadania, empoderamento, feminismo, mulheres e a política.

Em uma perspectiva mais atual as questões de gênero se voltam de modo mais específico para abordagens teóricas sobre sociedade cultura, relações de gênero e consumo. Com ênfase nas reflexões sobre divisão sexual do trabalho, ordem patriarcal burguesa de gênero, Sociedade capitalista contemporânea/sociedade de consumo; Relações e práticas de consumo e sua imbricação de classe, gênero e racial. Desenvolvimento na sociedade(s) capitalista; mulher, gênero e desenvolvimento; Crise do capital, transformações da sociedade e Estado capitalista; Questão urbana e rural no Brasil contemporâneo. O sujeito consumidor/a à subalternidade de classe, gênero e raça e os processos de mudança nos novos modos de vida; organização, mobilização e cidadania dos sujeitos masculinos e femininos. Movimentos sociais e consumo.

A criação do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher/NUPEM/DCD/UFRPE; Membro do Núcleo de Estudos do Consumo e Economia Familiar/NECEF/DCD/UFRPE. O

Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher - NUPEM, integrante e fundador da Rede Regional Feminista Norte Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero - REDOR, é um Grupo de estudos e pesquisas que zela por seu caráter científico e por suas relações com os movimentos sociais. Além das pesquisas também desenvolve trabalhos de extensão universitária. Em ambas práticas visa contribuir desde uma perspectiva feminista de gênero, com as mudanças sociais, em particular com as que levem a mudar e questionar as desigualdades sociais de gênero imbricadas as relações de classe e étnico-raciais.



Esta preocupação volta-se para a formação de estudante de ambos os sexos da graduação e pós-graduação. O NUPEM é um espaço de formação acadêmica e científica para estudantes da graduação em Economia Doméstica, Ciências do Consumo e outras graduações, bem como para a Pós Graduação em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social - PPGCCDS e demais Pós Graduações da UFRPE.

O Programa de Pós-Graduação Mestrado em CONSUMO, COTIDIANO E DESENVOLVIMENTO SOCIAL (PGCDS) foi o primeiro no país a tratar especificamente das temáticas relacionadas Consumo em uma sociedade capitalista, ao cotidiano e ao desenvolvimento social na contemporaneidade em uma Universidade pública.

A criação em 2013 do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em CONSUMO, COTIDIANO E DESENVOLVIMENTO SOCIAL, iniciado em Agosto de 2013, com área de Concentração em Economia Doméstica, sintetiza um esforço para implantar um curso de

mestrado acadêmico, no estado de Pernambuco, visando atender à demanda de profissionais das Regiões Norte e Nordeste do Brasil, nas áreas das Ciências Humanas, Sociais, Ciências Sociais Aplicadas e da Saúde, entre outras.



Olhar em perspectiva à produção de inúmeras pesquisadoras, pesquisadores e profissionais, fez reavivar em nós o sentimento de que a Economia Doméstica sempre esteve na vanguarda no trato com as categorias de análise, sujeitos e sociedade. Um dos pontos que merece destaque nesta exposição, e que tornam o vínculo da Economia Doméstica com as famílias e as questões de gênero e consumo experiência singular, foi o fato de que, desde muito cedo, trabalhou-se com as famílias, tendo o doméstico como seu lócus prioritário e, considerou o doméstico o lugar do cotidiano, onde as experiências são configuradas, onde o lugar ocupado na sociedade passa a ter sentido. E, nessa perspectiva, utilizou as relações de cotidianidade para fazer a interpretação de contextos históricos e valores da sociedade, transformando “a casa e a rua” em locais privilegiados de análise. E, em virtude disso, acabou por estabelecer um conteúdo muito mais implicado na realidade, assumindo que a compreensão das relações com o espaço, produtos e serviços, não poderia (e não pode) ser abordada como níveis genéricos a serem atendidos.

As análises sobre alimentação, vestuário, habitação, ergonomia, trabalho e renda, sempre consideravam, ou se voltaram, para aspectos relacionados à integralidade dos sujeitos e das suas relações. Por isto, afirmamos de início a relação orgânica desta área com o campo do cotidiano e da cotidianidade onde vivem e se constroem as experiências dos indivíduos.

Neste memorial resumi minha vida profissional com destaque dos fatos marcantes e méritos acadêmicos da trajetória do docente.

Estou feliz com as minhas escolhas e com os resultados que alcancei. Sei que contribuí para o crescimento da UFRPE assim como, para o Departamento de Ciências Domésticas, hoje Departamento de Ciências do Consumo, nos Cursos de Graduação em Economia Doméstica e de Ciências do Consumo, assim como da Pós-Graduação em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social.



Assim,

considerando as evidências aqui apresentadas de minha contribuição para o ensino, a

pesquisa e extensão, assim como, nas minhas atividades de administração na Universidade Federal Rural de Pernambuco, espero ter atingido os requisitos necessários para alcançar a carreira de Professor Titular do Magistério Superior.

